

Diretoria de Ensino de Pindamonhangaba



CIDADES

Campos do Jordão, Pindamonhangaba, Santo Antonio do Pinhal, São Bento do Sapucaí e Tremembé

CURSOS

História e Geografia

46 professores
capacitados

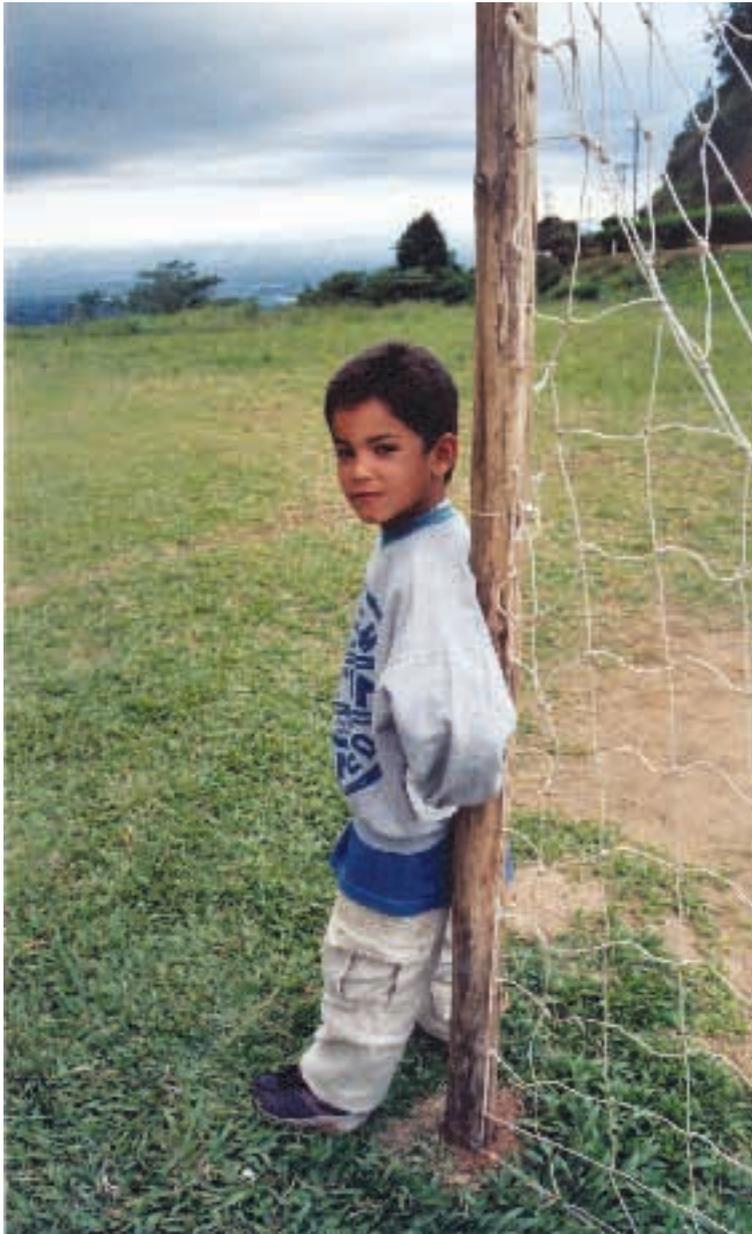
62 escolas
participantes

160 horas/aula

Números referentes ao ano de 2004



Fim de tarde em bairro da zona rural de Santo Antonio do Pinhal



À esquerda, garoto em campo de futebol de Santo Antonio do Pinhal; acima, a professora Maria José Dias de Oliveira conversa com alunos da E.E. Genésio Cândido Pereira, em São Bento do Sapucaí



PRESENTE

A dirigente Gicele de Paiva Giudice sempre trabalhou nos bastidores da educação. Ficou pouco tempo em sala de aula – cerca de quatro anos como professora de Inglês. A experiência de nove anos acumulada no Departamento Jurídico permite que as questões burocráticas da Teia do Saber sejam sanadas rapidamente. “O olhar pelo foco da legislação é algo que facilita o exercício da função de dirigente”. O perfil diversificado de Gicele – também cursou Direito – garante uma visão ampliada do que representa o programa para a rede de ensino. “Foi colocado um caminho diante do professor para que ele tenha um leque de opções. Trata-se de uma herança que ninguém poderá tirar dele”.

O aspecto positivo ressaltado pela dirigente é o fato de receber a Unicamp na cidade. Uma das dificuldades encontradas no Vale do Paraíba é a falta de faculdades que pudessem atender a demanda dos cursos de História e Geografia. “A Unicamp foi um presente. Antes, os professores precisavam se deslocar para outras cidades na serra, e isto dificultava o processo de formação”.



HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Os heróis descritos nos livros de História não são “prontos e acabados”. Muitas teorias ficaram obsoletas ou precisaram ser reavaliadas com a difusão do conhecimento propiciada pelo mundo globalizado. Essa releitura histórica foi um dos pontos positivos da Teia do Saber, na opinião da supervisora de ensino na região de Pindamonhangaba, Beth Cursino. “Nada melhor do que o contato com as pesquisas da academia. Essa atualização é o maior ganho”.

Beth pondera que muitos professores se isolam ou optam pelo comodismo em função de suas atividades e da carga horária. Nesse âmbito, diz a supervisora, a mudança de mentalidade pode ser observada nas conversas entre os professores. “Alguns já me disseram que vão cursar pós-graduação na Unicamp. Outros se perguntam: ‘se pesquisadores tão jovens já desenvolvem trabalhos consolidados, por que não nós?’”.



A VOCAÇÃO

Os pesquisadores da Unicamp levaram para a Teia do Saber a informação já estruturada, revisada e com valor científico. A opinião é de Helder Clementino Lima Silva, gestor do projeto na D.E. de Pindamonhangaba, que atua na rede de ensino há 17 anos. Silva destaca que os professores passaram a receber informações sob uma nova perspectiva histórica.

Cita como exemplo o próprio Vale do Paraíba, região cuja vocação foi se transformando ao longo da história – da cafeicultura, passando pela indústria até chegar aos dias de hoje, nos quais o turismo emerge como força. “Às vezes é preciso que alguém de fora nos diga que temos um patrimônio histórico que não é trabalhado no cotidiano”. Esse novo olhar já gera novas demandas. Uma aula sobre o Barroco, por exemplo, despertou nos professores da rede o desejo de visitar as cidades históricas de Minas Gerais.



ATUALIZAÇÃO

Vera Lúcia Santos Marcondes Leite, professora de História da E.E. Deputado Claro César, em Pindamonhangaba, quer conhecer a Unicamp. O contato com os pesquisadores da Universidade na Teia do Saber aguçou sua curiosidade sobre as recentes pesquisas de sua área. As aulas que trataram de quilombos e da questão ambiental, por exemplo, chamaram a atenção da professora. “Foi enriquecedor. Esse é o momento de o professor se atualizar”.



REVELAÇÃO

Regina Célia Bertolino Muniz, assistente técnico pedagógico de História, considerou uma “revelação” a atuação dos professores da Unicamp na Teia do Saber. “Conhecemos conceitos que derrubaram coisas que antes eram vistas como verdade absoluta”.



COM A MOÇADA

“ Dou aulas há cinco anos, depois de trabalhar numa agência paulistana do Banco do Brasil durante 20 anos. Busquei um lugar longe da violência urbana, até encontrar Santo Antonio do Pinhal, cidade muito sossegada, com oito mil habitantes. Diferentemente de São Paulo, onde as opções culturais são muitas, aqui não contamos com cinema ou livreria; é preciso adaptar-se ou se deslocar até Taubaté e São José dos Campos.

Fui tesoureiro do Sindicato dos Bancários e cheguei em Santo Antonio disposto a não me envolver mais com a política. Não consegui, acabei me elegendo vereador. Por quê? Para trabalhar a questão da juventude, que anda ociosa, sem perspectiva, sem referência. Estou com a moçada.

Os cursos da Teia do Saber são muito bons. É muito interessante ter a oportunidade de trabalhar com pesquisadores de ponta. Não temos oportunidade de aprofundar os estudos porque ficamos presos ao dia-a-dia e aos livros didáticos, o que faz com que passemos a enxergar as coisas de uma forma definitiva.

Com a Teia do Saber, constatamos que muito está por estudar. O aluno precisa ter dúvidas, precisa pesquisar por conta própria, até mesmo para entender a realidade em que vive. A nossa realidade não está fechada, tudo está em aberto. É um dos ganhos do curso. ”

João Manuel Lourenço Pereira, professor de História da E.E. Desembargador Affonso de Carvalho, em Santo Antonio do Pinhal





UMA (BELA) HISTÓRIA

Maria José Dias de Oliveira dedicou 46 dos seus 64 anos ao magistério. Andou a cavalo, percorreu trilhas a pé, recorreu a charretes. Tudo para chegar às escolas da zona rural de São Bento do Sapucaí, onde construiu sua carreira. Criou dois filhos, mas não os viu crescer por falta de tempo para os afazeres domésticos, tamanha a entrega às coisas do ensino – costuma dizer que viveu uma época em que professor fazia as vezes de médico, farmacêutico, conselheiro. Os filhos lhe deram quatro netos; a mãe, de 94 anos, está sob seus cuidados.

Mas Maria José, hoje professora da E.E. Dr. Genésio Cândido Pereira, está muito longe de deixar o giz e a lousa de lado, mesmo aposentada desde 1989. Entre os seus planos, está a matrícula num curso de pós-graduação. Não é por falta de diploma. Dona Zezé, como é conhecida em São Bento do Sapucaí, cursou Pedagogia, Estudos Sociais (ambos na época da ditadura), História (“na chegada da democracia”) e Geografia, este último completado no ano passado.

A passagem da Teia do Saber pela região reforçou suas convicções sobre a busca do novo. Maria José não tem saudade nenhuma das fórmulas impostas pelo andar de cima do ensino – sucessivos governos que faziam do livro didático uma cartilha que devia ser seguida à risca por anos. Cursos de atualização e liberdade de ação eram artigos de luxo, lembra a professora, para quem os alunos das décadas de 70 e 80 eram pouco questionadores.

Maria José sabe que os tempos são outros. Os estudantes estão cada mais exigentes e bem-informados. Por isso, não deixou escapar a oportunidade de colocar na bagagem de sua longa trajetória os conhecimentos adquiridos na atualização. Os tempos do cavalo ficaram para trás. Mas a vontade de dar “uma aula bonita” foi mantida.



Zona rural de Pindamonhangaba, em paisagem típica do Vale do Paraíba

ALDEIAS E QUILOMBOS

Aline Vieira de Carvalho e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes se casaram num sábado. Uma semana depois, ambos participavam da Teia do Saber na condição de professores. Doutorandos em História na Unicamp, atuaram em Pindamonhangaba e em Campinas. Fernandes quer passar um tempo no México para aprofundar suas pesquisas sobre a História da América, seu objeto de estudo. Já Aline desenvolve pesquisas sobre quilombos.



“ Existe uma série de preconceitos com relação aos indígenas no Brasil. A visão dos índios ensinada na escola está mais para o carnaval. A imagem passada é abstrata, mas os problemas são concretos: demarcação de terras, garimpos ilegais, doenças. Se o sujeito come com as mãos, logo é chamado pejorativamente de índio. Eles são vistos como selvagens, como se pertencessem a uma cultura estática. A sala de aula é um espaço para mostrar a importância do respeito e da tolerância. ”

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes



“ Cada autor vai construir um Quilombo dos Palmares diferente. Alguns, por exemplo, vão valorizar a resistência negra. Já na década de 30, falava-se sobre a inferioridade negra. A visão vai mudando de acordo com o contexto histórico e com as experiências do autor. Isso é muito interessante porque não existe o Quilombo dos Palmares, você vai ter várias visões. É legal mostrar isso em sala de aula porque derruba essa visão de que o livro traz uma verdade, de que o livro é inquestionável. ”

Aline Vieira de Carvalho



